

Correio das Artes

Ano I Numero 35 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 20.11.1949



VINHETA DE HERMANO JOSÉ

O ULTIMO POETA ROMANTICO

JOÃO LELIS

COM a morte de Osório Paes vai-se o ultimo representante da velha geração de poetas paraibanos; com ele calou-se uma das vozes mais harmoniosas entre os nossos bardos. Sem grandes arrecessos, porém, firmemente romantico à boa maneira dos de sua época de romantismo, o autor de "Primicias", seu primeiro livro de versos soube ocupar um lugar que ninguém ousou disputar-lhe. Recordo aqui que no inicio e no apogeu do modernismo se misturava com Silvino Olavo com "Sombra Iluminada", Perilo Doliveira com "Caminho cheio de sol" e Eudes Barros com "Canticos da Terra jovem".

Osório Paes convivendo e animando a seu modo esses "novos" de 1922 a 1928, sem quebra de harmonia espiritual que os aproximava, ficou no mesmo escalão em que começara a poetar, fiel e convencido da sua forma poética, talvez por uma coerenza interior a que não se sentira jamais em condições de renegar ou trair. E nem por isso deixou de ser poeta, e como

tal, sentindo e ouvindo como dantes isto é, mantendo a mesma personalidade que a muitos pareceria fadado a extinguir-se por não resistir ao vendaval renovador que então soprava a lira paraibana. Cresceram e firmaram-se na Provincia os modernistas, alguns deles alteando-se, como Perilo, às culminancias de iluminado, deixando todos eles incisivos clarões de trajetória e focos de fixação inspiradora — mas Osó-

rio Paes, esse velho retardatario do ritmo ficou no seu lugar, aparecendo, para contrariar previsões inconsistentes, nos avulsos da imprensa diaria, e tornando-se então, não mais o diuturno inspirado das musas e consequente inspirador de romanzus e sonhos fagueiros dos primeiros tempos, porém um desses poetas bissexto de que nos falou ha tempos certo critico literario. O que nele nos credencia como admiradores é sen-

tir a firmeza de sua personalidade poetica: é o mesmo sentimento; são os mesmos motivos interiores; a identidade dos impulsos de sua alma não se alterou; não mudou; não transigiu e muito menos tergiversou. Essa mesmice — se assim podemos chamar a sua incomum uniformidade sentimental — que notamos nos seus versos, todos eles exaltantes dos multifarios sentimentos humanos e onde o belo sexo se assenhoreia de boa dosagem, essa mesmice era, porém, um tactes literario do poeta;

na a sua mascara exterior, a sua catadura intelectual. O homem, porém, era outro porque seu temperamento só apparecia nos seus versos como força propulsora de uma ideia ou como a melhor vestimenta que o poeta despunha para recobri-la e enfeitá-la.

E' de crer que se não fora isto, talvez os seus versos se limitassem a um estreito prisma da sua visão da vida e das cousas dela. O homem, repito, era outro, e bem diferente. Temperamento impulsivo, oscilante, temerário e tímido nas

SONETO DE UMA FESTA

ANTONIO GIRÃO BARROSO

OS CORAÇÕES JAZIAM, JÁ FAMINTOS
NA MÚSICA DO IMPRECISO QUE NÃO VINHA
NA ORQUESTRAÇÃO DOS PARES SEM RUÍDO
QUE BAILAVAM NA SALA EM VERDE E AZUL

E A VAGA SONOLENTA E INDORMIDA
NUM RITMO DE VALSA MAL COMPOSTA
IA E VINHA, NUM MÁGICO SOLUÇO
DE VELAS PANDAS E AGUAS QUE CORRIAM

FOI QUANDO AS DURAS TAÇAS SE QUEBRARAM
AO BEIJO TÃO FATAL DE DUPLAS FACES
QUE MIRAVAM NO ESPELHO, AO SOM PERDIDO

DE VOZES DE ANTE-VÉSPERA DE MORTE
O MISTÉRIO DA VIDA SE ESVAINDO
EM ROXO (O PRANTO!) E GLÓBULOS VERMELHOS

mais desconstruídas alternativas, nem sempre deixava de acolher-se dentro de si mesmo em mutismos prolongados, ocultando provavelmente tremendas locubrações; ou então expluia em gestos ou atitudes a romantismo, algumas vezes intemperadamente, mas sempre atendendo à voz do nímio. Contudo, a meu vêr, isto não contradiz a sua personalidade poética; é uma aparente desafinação que sob um ângulo apreciativo menos agudo casa-se bem ao seu feitio e à sua figura mental.

Não sei se no caso Osório Paes o poeta foi vítima do homem ou se este malogrou o poeta que ele foi de um modo que desejariamos tivesse sido outro. Os homens da minha geração estão mais empenhados em examinar esses fenômenos comuns na Província; não aconteceu assim com a geração anterior que foi a do nosso poeta, geração dispersiva, indiferente, acomodada diante de problemas e dramas individuais numa época de feroz individualismo, quando nós, pelo contrário, menos individualistas, voltamos às indagações e perquirições acerca de cada um dos nossos expoentes porque sabemos qual a influência e valor existentes nesses mesmos dramas e problemas que são, por assim dizer, dramas e problemas de todos nós e de cada um isoladamente. E bem sabemos também quanto eles influem no conjunto, sobretudo quando se trata de um artista, de um intelectual enfim. Nesta hipótese a sensibilidade poética se aprimora no acolher as mutações íntimas que estão à mercê dos fatores e influências externas. O homem torna-se uma antena de receptividade incomum, e sua obra, quando não afina e se não aprimora, descaí, dilue-se dentro de si mesma, desman-

cha-se em puras sensações introspectivas, sem forças mais para manifestar-se e se fazer ouvir.

Sumariemos, porém, estas considerações em torno do poeta morto. De qualquer maneira Osório Paes foi um poeta romântico dentro da sua época romântica; e da sua geração ele foi o último a nos deixar, e nos deixou legando-nos uma afirmação de sensibilidade e de estesia já hoje um tanto difícil de encontrar-se porque não pertence integralmente ao nosso tempo. Cabe-nos, contudo, o dever, de reconhecer-lhe valimento. Sonetista apreciado, deixou marcas indeleveis de sua essência romântica que considero (essa essência) de uma perennidade inextinguível, de vez que a essência romântica não ha-de desaparecer da terra, embora a forma se modifique ao sabor das escolas e estilos poéticos; — esse poeta nos deixou notas que serão sempre sonoras e bem ouvidas.

Aos homens do meu tempo, tipos indecisos de uma era de interrogações, sabe bem, e às vezes até com alguma doce tristeza, o contacto com quem viveu uma re-

lativa placidez espiritual, pela imponderável atração que nos exerce aquilo que almejamos e não encontramos mais, porém que existiu e foi experimentado por outros. Para nós, Osório Paes teve o prêmio de viver uma época ajustada às suas inclinações interiores, e isto é muito, muito mesmo para quem, como todos os intelectuais deste fim de século — realiza quotidianamente a busca de uma forma de conduta que o faça sorrir intimamente, e de alegria, bem entendido...

Integrado no movimento que constituiu o derradeiro esforço conjunto da inteligência provinciana entre 1922 a 1930, aqui se congregando as expressões mais sólidas da vida intelectual, Osório Paes, embora poelasse bissextamente, prestou a esse movimento a sua natural solidariedade, vinculando-se por atrações ou afinidades que seu íntimo acaitava exponencialmente. Com a extinção de uns e o afastamento de outros dos componentes desse grupo de renovadores e agitadores intelectuais, o autor de "Primícias" recolheu-se, macambuzizou-se com a sua lira debaixo dos braços e en-

tão, só lá uma vez ou outra, de veneta, enviava ao mundo exterior uma rápida e rítmica mensagem versificada. Nessa conduta manteve-se até há pouco, quando a morte o vem colher ainda moço. Relembro aqui, já que estas linhas têm um caráter de homenagem recordativa, as muitas vezes que lhe pedi voltasse a uma atividade mais constante, a que ele me respondia, desmouso e interrogante:

— Você acha que valerá a pena?

Sentia-lhe nesta postura um fremito de desilusão que para ele, um romântico, fiel à velha escola, ao velho mundo dos bardos emocionados, reconhecendo esvaziado o ambiente em que vivera, pela fuga involuntária de todas as figuras que o povoavam, representava uma morte prematura, um apagamento de todo o mundo poético que ele sonhara e ajudara a construir. Não lhe teria sido possível reconstruir sozinho esse mundo, nem mesmo conservar-lhe as ruínas deixadas com a morte dos companheiros de sua época, e isto ele sabia perfeitamente, — o que lhe ocasionava a atitude de desesperança e desestímulo contida na sua resposta.

Se, como disse antes, Osório Paes teve o prêmio de viver numa época ajustada às suas inclinações interiores, o que considero a parte feliz de sua vida poética, teve a desdita de ser o último dessa mesma época. Dala só nos restava, nestes últimos tempos, a sua figura. Alguém já deve ter observado a melancolia contida na condição de ser o último da sua geração, do seu grupo, da sua equipe; o último sobrevivente, o remanescente de uma catástrofe lenta ou subitânea, o derradeiro de uma época que os coevos já não

(Cont. na pag. 15)

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado

Diretor — SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

Secretário de Redação

EDUARDO MARTINS

Redatores:

Carlos Romero — Dulcidio Moreira

George Mattos — Juarez Batista

JOÃO PESSOA — PARAIBA

A POETICA DE EDGAR ALLAN POE

JAMIL ALMANSUR HADDAD

A poetica de Edgar Allan Poe está contida essencialmente em dois ensaios famosos: O Princípio Poético e Filosofia da Composição. Passemos em revista algumas de suas idéias fundamentais.

a) Poema longo e poema curto. ("Acho que não existe um poema longo. Sustento que a frase "um poema longo" é simplesmente uma categorica contradição nos termos... A Iliada é uma série de líricos".) Estes conceitos revelam-nos que na poesia de Edgar Allan Poe estamos, positivamente, no anti-Aristoteles. O grego só considera poesia a poesia epica, não chegando a aludir aos líricos na sua "Poetica". Poe vai para o plano oposto: Homero é lírico. Basta que se decomponha em poemas menores o seu poema longo. Fuga de Aristoteles é evasão de um dos seus postulados básicos: o que considera a arte, "mimese", imitação da natureza. Poe vai para Baudelaire e desemboca nos simbolistas. E nestes, pela voz de um dos seus periodicos de combate, vemos que "l'objectif n'est que pur semblant, qu'apparence vaine, qu'il dépende de moi de varier à mon gré".

Essa fuga da realidade exterior, essa valorização lírica, faz um pintor como Rousseau proclamar que antes de ser uma imitação da natureza, o quadro deve criar-se previamente no cérebro.

b) "O didático é heresia... deve ser teorico-maníaco sem remedia quem, a despeito destas diferenças, persiste ainda em tentar conciliar os oleos e aguas adversas da Poesia e da Ver-

dade... Dividindo o mundo do pensamento nas suas três mais evidentes distinções, temos o Intelecto Puro, O Gosto e o Senso Moral". O Gosto em ultima análise é a Beleza e as três esferas aludidas são inde-

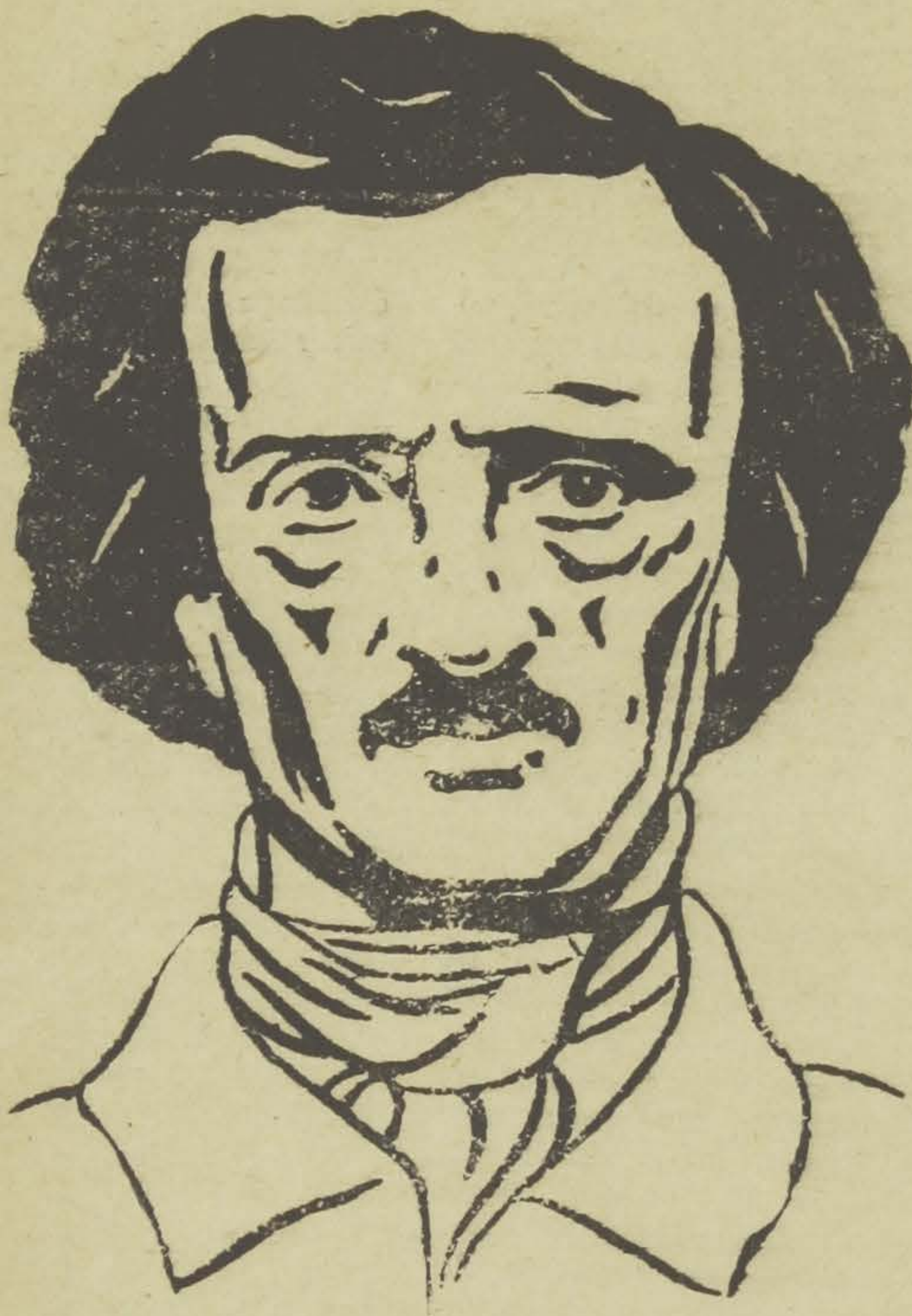
de e do bem. Poe atrai-nos á arte pela arte, em todo o seu esplendor e plenitude. Seu pensamento é o mesmo de Geiger: "nenhuma das formas de derivação moral do valor estetico influu no desenvolvi-

to de vista do seu conteúdo politico, moral ou de qualquer outro, é de uma inanidade frívola, pela simples razão de que não é mais admissivel esta cissiparidade entre conteúdo e forma; a arte é antes de mais nada unidade total, e forma e fundo coexistem e reciprocamente se condicionam.

c) "O Sentimento Poético pode desenvolver-se de varios modos — na Pintura, na Escultura, na Arquitetura, na Dança, na Musica, na composição do ajardinamento, paisagistico. E manifesta-se em palavras também: Poesia". Aqui Edgar Allan Poe é precursor legitimo de Croce quando este defende a tese de que o lirismo é o denominador comum que dá a vibração e o sentido ás mais disparatadas manifestações artísticas.

d) "A Musica, em seus varios modos de metro, ritmo, é de grande importancia na poesia... absolutamente essencial... E' na Música talvez que mais de perto a alma atinge o grande fim pela qual luta, quando inspirada pelo sentimento poetico... E assim pouca duvida pode existir de que na união da Poesia com a Musica encontraremos o mais vasto campo para o desenvolvimento poetico... Poesia se define como criação rítmica de beleza..."

E' a mesma profecia de Toine que o simbolismo de certa maneira procurou confirmar: "Avant cinquante ans la poésie se dissoudra dans la musique". Para a musica Edgar Allan Poe impeliu os simbolistas e eles decididamente tinham de encaminhar-se para ela, pois a musica, na observação de



EDGAR ALLAN POE (Desenho de Manuel Bandeira)

pendentes. Estamos aqui positivamente em oposição a qualquer conceito teleologico de arte. Estamos de novo no anti-Aristoteles (a arte serve para purgar paixões); e mais ainda no anti-Platão (A arte visa ao bem). Para Poe a arte não tem finalidades fora de si; e aqui éle retoma Kant e o proprio Santo Tomás de Aquino, todos os pensadores que atribuem á arte um campo de ação autonomo, independente da verda-

mento da estetica científica"; e é o mesmo ainda de Heineman, colocado igualmente nesta linhagem do autonomismo estetico: "A unidade estetica representa uma qualidade especifica de unidade baseada em atividades especificas do espirito humano (especialmente a fantasia) e despertando qualidades especificas de emoção".

A lição que vem de Poe é ainda a de que a divisão da arte, do pon-

Mauclair, é símbolo perfeito, arte de alegria, não evoca as coisas jamais diretamente, não lhes dá o nome, e é uma arte essencialmente de transposições. E Wagner passa a inspirar o simbolismo com a sua arte ideológica e alegórica, com as suas sondagens na alma do homem. E o simbolismo por sua vez vai determinar Debussy, influenciado principalmente por Mallarmé e Maeterlinck. Diante da representação do "Prélude à l'après-midi d'un faune", Mallarmé confessava o seu extase diante do prelúdio que havia prolongado intensamente a emoção de seu poema. E o próprio Mallarmé, no fim da vida, achava que poeta não devia mais fazer versos, mas sim música, sinfonias e sonatas, para o que teria que adaptar convenientemente o vocabulário e a sintaxe.

Em Poe, raízes há também da poesia pura, no conceito bremondiano. Para Bremond, poesia é realidade misteriosa; encantamento obscuro independente dos nossos sentidos; é música condutora de um fluido e que transmite o que há de mais íntimo e profundo em nossa alma; é irredutível ao conhecimento racional. Já na estética de um Marcel Raymond, não se concebe o valor musical dos versos independentemente do sentido das palavras.

e) "É meu desígnio tornar manifesto que nenhum ponto de sua composição (de "O Corvo") se refere ao acaso, ou à intuição, que o trabalho caminhou, passo a passo, até completar-se com a precisão e a sequência rígida de um problema matemático".

Aqui estamos no Anti-Platão. Para este, poesia é acaso e intuição e irracionalidade. Platão expulsa os poetas de sua República porque não vê na poesia um

trabalho de reflexão, uma atividade espiritual disciplinada, estruturada na verdade, coroada de sabedoria. Ele perora: "Não é em efeito da arte, mas por entusiasmo que os bons poetas épicos compõem seus belos poemas. A mesma coisa nos bons poetas líricos. São semelhantes a essas coribantes que só dançam quando fora de si... O poeta é um ser ligeiro, alado e sagrado... ele é incapaz de compor, a menos que o entusiasmo dêle se aposse." (Platon "Oeuvres Complètes" — Trad. Dacie et Crou — Charpentier — 1869).

Por esse lado, a poética de Edgar Allan Poe desemboca em Valéry. Este é, provavelmente, no seu neoclasicismo, o poeta mais representativo entre os arautos da poesia-razão, da poesia-esforço, da poesia humanamente trabalhada e realizada. Revolta-se contra as concepções que atribuem ao fenómeno, poético origem supra-racional ou onírica: "Celui-là même qui veut écrire son rêve se doit être infiniment éveillé." Em outro momento: "La véritable condition d'un vrai poète est ce qu'il y a de plus distant de l'état de rêve".

i) Para o poema "duas coisas são invariavelmente requeridas: primeiramente, certa soma de complexidade, ou, mais propriamente, de adaptação; e em segundo lugar, certa soma de sugestividade, certa subconcente, embora indefinida de sentido..." Por aí Poe atira-nos plenamente aos domínios do mistério.

Sugestividade... O poema moderno nada quer revelar nem explicar. Apenas ambiciona sugerir. Quando a expressão é nítida nos seus contornos, definitiva, não dizendo nada além do que realmente exprime, é anti-poética. Poesia é fundamentalmente sugestão. Dá o elemento inicial

que, repercutindo na sensibilidade do leitor, fica sendo o ponto de partida para a genese de outros pensamentos, outras emoções, outras interpretações, muitas vezes distantes do ponto de partida. De tal maneira que o trabalho de criação não fica circunscrito ao autor. O leitor tem que entrar com um coeficiente ativo de elaboração. O poeta abre as portas do mundo fantástico, mas de posse deste mundo, o leitor tem de traçar os seus próprios caminhos. Esse papel da sugestão na poesia tem sido mais de uma vez encarecido. Guyau de certo modo repete Poe ao frisar a diferença que julga existir entre o belo e o poético, o belo caracterizado por uma perfeição formal, pelas proporções e pela harmonia, ao passo que o poético existindo naquilo que a forma exprime ou sugere mais do que naquilo que revela. Sainte-Beuve, no prefácio das "Consolations", fala sem simpatia dos espíritos racionais que querem tudo explicar e a quem o lado inexplicável das coisas escapa por isso mesmo. E assegura que o objetivo da arte se realiza quando o poeta consegue provocar no leitor uma emoção estética que por sua vez desencadeia, pela associação de idéias, outras emoções. Mallarmé condenava acerbamente os parnasianos, a quem censurava a circunstância de pegarem na coisa e mostrarem-na completamente como ela é, faltando-lhes por isso o mistério. E afirma: "Ils rêveront aux esprits cette roie délicieuse de croire qu'il créent. Nommer un objet c'est supprimer les trois quarts de la jouissance du poème que est faite du bonheur de deviner peu à peu le suggérer, voilà le rêve".

Já devem os leitores ter percebido que Edgar

Allan Poe constitui provavelmente a raiz mais grossa e determinante da poesia moderna.

Noticias

Os livros do romancista português Ferreira de Castro já foram traduzidos para as seguintes línguas: francês, espanhol, italiano, alemão, inglês, croata, tcheco, eslovaco, holandês, sueco, russo e romeno.

Vanda Murgel de Castro está traduzindo para a Editora José Olímpio o livro "O Grande Pescador", biografia romancada de São Pedro, escrita por Lloyd Douglas, autor do conhecido "O Monte de Cristo".

Saiu o primeiro número de "Studium", revista bibliográfica da editora Saraiva, com colaboração variada e matéria informativa de interesse geral. Publica uma entrevista especial com Menotti del Picchia.

A Casa do Estudante do Brasil vai editar, de Oswaldino Marques, um caderno de poemas — "Usina do sonho" — e uma antologia de traduções — "Poemas famosos de língua inglesa, com páginas escolhidas de 11 poetas ingleses e 12 americanos".

O 4.º número do "Jornal de Letras" foi dedicado a Minas: um artigo de Alceu Amoroso Lima e duas reportagens de Aurelio Buarque de Holanda e Luiz Jardim, entre outras coisas.

Na Coleção Saraiva, hoje popular, vão aparecer, em primeira edição, os romances "A ladeira da memória", de José Geraldo Vieira e "Saltimbancos", de Afonso Schmidt.

ALUCINAÇÃO

Conto de JOSÉ MUCINIO

ANTES de nascer já estava predestinado à morte. Talvez fosse o destino que assim quizesse ou a extrema miséria em que seus pais viviam. O certo é que a morte e a vida lutaram em separado cada qual procurando vencer o outro. A morte no entanto como sempre foi mais forte e, num dia de dezembro carregou o pequerrucho para outros mundos. O destino porém ficou. E com ele, um ano depois, na mesma época, um segundo filho nasceu na casinha de taipa da beira de estrada.

O trem preto da Great Western, corria.

As rodas chiavam sobre o peso dos vagões, enquanto na frente, a máquina começou a subir a ladeira.

Na segunda classe um homem dormitava talvez sonhando. O homem não era bonito, não era feio, não era coisa nenhuma. O homem apenas era um produto da natureza que como todos os homens nasceram para comer, multiplicar e morrer.

Como em todos os casos há exceção, este homem, olhando-se melhor, tinha qualquer coisa diferente dos outros.

A barba pontuda, espatada num queixo magro e saliente fazia contraste com os cabelos dourados de fogo. A cor dos olhos não se podia ver porque ele estava dormindo. A boca mal feita e o rosto cheio de rugas. Depois vinham mãos magras e brancas. Caixa dos peitos seca e pescoço fino. Nos pés grandes e chatos, duas alpargatas faziam inveja à roupa surrada e esmalhada que lhe pez-

dia em frangalhos do corpo.

Totonio era assim um produto da vida, que com os seus caprichos e incompreensões desenhava este pobre coitado para ainda sofrer muito mais.

Cosias que ninguém compreende mas é verdade.

No carro, Totonio parecia ser o único passageiro, se não fosse um bêbado que também dormindo, se escondera debaixo do banco para curtir talvez com vergonha a cachaca que tomara. De vez em quando roncava extremamente alto como se fosse uma resposta ou desafio a alguém, depois então voltava tudo ao normal.

Há duas horas que Totonio, o bêbado e os vagões corriam encilhados uns nos outros para o mesmo destino. Se alguém perguntasse a ele por que diabo tomara esse trem e para onde ia, Totonio mesmo não saberia explicar direito. Apenas sabia vagamente que na estação, a placa do comboio destinava-se a Garanhuns,

e portanto para Garanhuns ele deveria estar indo. De qualquer modo, ao olhar-se o seu pouco caso, tanto fazia ir para Garanhuns como para outra cidade. Tudo vinha dar no mesmo.

— Totonio não se esqueça de trazer a manteiga! Totonio precisamos levar o bichinho ao médico! Totonio não se esqueça de trazer o dinheiro!...

O trem desceu com mais facilidade a rampa e entrou com o seu resfolegar numa serra.

Uma mosca pousou levemente no nariz inchado e vermelho do bêbado e começou a tocar harpa com os cabelos que saíam dele.

Pela janela os postes e as casas multiplicavam-se dando a impressão de que apostavam corrida com a máquina.

Totonio endireitou o braço esquerdo, levantando-o mais para cima do espaldar do banco e agitando melhor a cabeça. Agora que mudara de posição podia-se notar mais algumas no-

vidades nele como por exemplo: certos burrinhos quase que simétricos no rosto dando a impressão de antiga capotura. O cabelo também mostrou novidade como seja: a maneira estranha de Totonio reparti-lo no lado direito ao invés de comumente ser no lado esquerdo.

Cada um com a sua mania.

— Totonio trouxe o dinheiro? E o médico? Oh, meu Deus, o que vai ser do nosso filhinho?

Enquanto dormia, parecia-lhe no sonho ouvir nitidamente a voz esganada de sua carometade a lhe atormentar o dia todo com choros, apurrinhacões e lamurias. Era Totonio para lá e Totonio para cá. Faça isso, faça aquilo. Compre isso, compre aquilo. E, assim por diante.

O trem agora invadia quase que totalmente uma grande plantação de cana. As folhas balançavam-se preguiçosamente sacudidas por um vento também preguiçoso e um sol não causticante.

O bêbado mudara de posição, talvez devido à insistente mosca. Emborcara o rosto completamente dentro do seu chapéu e roncava a bom tuncar.

Um dia, não aguentando mais as chaticeiras da mulher levava o menino ao médico.

— Dr., foi logo dizendo Totonio de sopetão, ao entrar no luxuoso consultório digno da cidade aonde o médico morava. — O senhor não vai levar a mal eu ter vindo a estas horas, mas é que, este meu filho mais velho, leva a vida se queixando de

Que é dos Meus Jardins!?

HERNANI DE LENCASTRE

QUE É DOS FRAGRANTES CAMPOS POVOADOS DE FLORES E IRISADAS BORBOLETAS!?

QUE' DOS MEUS JARDINS, TODOS POVILHADOS DE BRANCAS E DE RÓXAS VIOLETAS!?

QUE É FEITO DOS MEUS SONHOS (PRATEADOS PELA LUA, EM RECURVA CIMITARRA), ONDE HAVIA CASTELOS RECORTADOS E SONS HARMONIOSOS DE FANFARRA!?

AI, DE MIM! QUE NÃO VEJO MAIS SINAL DAQUELA LUZ BRILHANTE, SIDERAL, QUE VOS BEIJOU DURANTE A MINHA INFÂNCIA..

TUDO VARRE UM TUFÃO, NA SUA FRENTE: CASTELOS, JARDINS, PÁSSAROS E GENTE.. TUDO VARRE E PROJETA PRA DISTÂNCIA..

TAVIRA (Portugal), Outubro, 1949.

uma dôr nas juntas, nos pés e não sei aonde mais. De modo que isso não seria nada se não fosse os gritos lacinantes que deu ontem tal uma mulher parindo. Foi somente por isto Dr., que eu trouxe êle agora. E para o senhor vêr o que é. Quem sabe mesmo se o menino não está atacado de algum mal?!

Depois disto nunca mais aconteceu nada. O menino ficou bom, mas a mulher sempre aperseando Totonio. Abusando de sua bôa vontade e paciência. Mangando dele, de sua côr e do seu físico.

— Olha o açã. Tá pegando fogo ó rapaz o teu cabelo, espiga de milho e outras coisas mais. Totonio a principio não ligou. Depois foi se enfezando e um dia jurou tirar vingança. Açã e espiga de milho a mulher ia vêr quem era.

Neste dia armou-se de um cinturão e, plantou o "páu" nas costas da mulher. O "páu" cantava direitinho. Uma, duas, três. A cada cinturada a mulher se retorcia toda. Parecia que estava com o demônio no corpo. Quando Totonio cansado e pingando suor por todos os lados terminou de dar a sexta batida, a mulher era quasi que um trapo.

Vertendo sangue pelas costas e pela bôca, pagara brutalmente a aforteza que tivera com Totonio. Mulher era mulher e portanto, procurasse o seu lugar. Não se metesse aonde não era chamada. A surra porém serviu de lição. Nunca mais chamara Totonio de açã ou de outros apelidos.

Eram assim as vinganças de Totonio. Sempre brutas, sempre com consequências tragicas. Cheirando a sangue e a morte. De um lado depois Totonio arrependia-se. Mas em certos casos só mesmo como êle fizera. Isto, segundo o

seu modo de ver e compreender as coisas. Totonio era um bichu. Só não agia como precisava, quando se tratava dos filhos. Aí se desmanchava. Nunca na sua vida levantara uma vêz só, a mão para dar numa criança. Era um fraco e acabou-se. E, muitas vezes a mulher, mais inteligente do que êle, aproveitava-se dessa fraqueza, dando inicio as lamurias tendo sempre como motivo o bem estar dos meninos. Era como se quizesse por êste meio vingar-se das surras que Totonio lhe dava. E na maioria das vezes acertava sempre.

Um outro trem repleto de passageiros cruzou pelo lado da janela de Totonio. Por um minuto fez-se enorme algazarra típica destes momentos, depois foi-se perdendo ao longe desaparecendo por completo numa curva da estrada. Totonio porém não acordou. Nem sequer se mexeu. Somente o bêbado abriu vagamente um olho, prescrutando o ambiente e tornou a fechá-lo, dormindo em seguida como se nada tivesse acontecido.

O ano passado, antes de fazer esta repentina viagem, fora um ano muito ruim para Totonio. Tão ruim, tão desgraçado que, não chegou nem a ter agua para beber de tão pobre ficara. Coitado de Totonio. O destino é o diabo. E a má sorte nem se fala. Totonio nesse ano chegou a vender tudo o que tinha. Até o miserável catre aonde a mulher descansava o bucho cheio com nova vida nas entranhas, Totonio vendera por uma ninharia. Uma bagatela! Agora a mulher vivia-se arrastando pelo chão batido de barro, descansando seu enorme volume em qualquer parte. Por que será que pobre gosta de ter tam-

to filho? Totonio mesmo não sabia responder a esta pergunta tão complexa ao seu vêr. Apenas sabia que todos os anos, na mesma época a mulher paria um novo rebento e preparava-se logo depois para outro. O que fazia pena era ver os filhos que nasciam. Teve um que nasceu cego. Outro quase mata a mãe para vir ao mundo, ficando ainda com a cabeça achatada devido o Forceps que o medico empregara para extraí-lo. Mesmo assim todo ano religiosamente vinha um. Que fazer se era o destino? A êle, Totonio, só competia dar forma ao feto. O resto era com quem dissesse respeito. Nem êle nem a mulher se importavam com nada sobre este assunto. A mulher nasceu para parir e acabou-se.

A locomotiva parou bruscamente numa estação qualquer. Os vagões chocaram-se uns nos outros como se quizessem apalpar se ainda estavam intactos.

Com o freio e o chiar que se seguiu logo depois, Totonio acordou. Não acordou, porém, completamente. Vago, como se estivesse ainda viajando não sei aonde, Totonio levantou de vagar, primeiro a cabeça, depois o busto, esprigando-se, retezou-se, encostando muito comodamente o costado de encontro as paredes do vagão. Depois, ainda mais vagarosamente enquanto olhava para fora o movimento, começou a estalar cada dedo das mãos. Ora puxava para um lado e para outro o dedo mindinho, ora estalava o polegar. Assim fez com a mão esquerda depois com a mão direita. Não tirava, no entanto, os olhos da plataforma do outro lado do vidro da janela.

Os olhos de Totonio não eram bonitos, mas talvez fossem as únicas

coisas que de atraente existia nele. Dois olhos, grandes, da côr de um gato ou mesmo de uma onça pintada.

Um apito estridente da maquina deu a impressão por um instante de ter despertado de seu torpor o incrível Totonio. Depois a locomotiva chiando, suando, resfolegando, acentou para a estrada e tomou novamente conta de tudo.

Em marcha progressiva, começou a comer quilômetros e mais quilômetros de trilho, aproximando-se cada vez mais do destino da placa de saída. Granhuns.

O balanço do vagão sobre as molas da estrutura do carro, dava cada vez mais uma sensação de bem estar na alma de Totonio.

Por um momento pareceu melhorar de tudo. Até o rosto antes fechado, sombrio, pareceu ficar agora mudado, e um ligeiro sorriso apareceu mostrando uma boca com dentes podres e quebrados. Puxou do rasgado paleó um cigarro de palha amarelado como a côr de seus dentes, e procurou um fósforo para acender. Remexeu os trapos. Nada! Olhou então pelos lados para vêr se alguém poderia acender o seu cigarro. Não havia ninguém. Olhou o chão para vêr se encontrava um fósforo ainda bom ou mesmo um toco de cigarro aceso, mas também nada encontrou. Em vez disso topou com o bebado encolhido e roncando como nunca. Que seria? Aquele camarada não estava ali quando entrara. Como foi que agora apareceu? Bem Isso não interessava a êle, pensou. O que interessava no momento era poder acender o seu cigarro. Estava, sem saber porque, com uma vontade louca de fumar. Tinha que fumar agora nem que para isto

"O Deserto e os Números"

VERISSIMO DE MELO

"O DESERTO E OS NÚMEROS" é o título do primeiro livro de poemas de Edson Regis, que acaba de aparecer em elegante brochura da editora "ORFEO", do Rio de Janeiro, com ilustrações de Ylser Kerr.

Edson Regis é um nome bastante conhecido e admirado no Rio Grande do Norte através uma constante e louvável atividade literária na imprensa do Nordeste. É diretor da revista pernambucana "REGIÃO" e ultimamente vem orientando com muito brilho o suplemento literário da "A União", de João Pessoa, o "CORREIO DAS ARTES". É, pois, um nome que dispensa comentários e possuidor de altas credenciais no movimento de renovação literária e cultural do nordeste.

Nesta sua primeira mensagem de poesia, revela-se Edson Regis mais uma vez o que sempre foi na minha admiração: Um legítimo

artista do verso. Sente-se isso na leitura de qualquer um de seus poemas deste livro, onde as idéias e os pensamentos se ajustam magnificamente àquela forma sempre simétrica e bem cuidada, como um desenho feito a esquadro.

Senhor dos ritmos novos, Edson, como todo poeta moço tem horror aos lugares-comuns. Talvez disto resulte, em grande parte, a faculdade de criar tantos símbolos poéticos. Mas a sua poesia não é totalmente simbólica. Alguns vezes, como neste lindo soneto "O RETRATO", de expressão nova, cuidadosamente lapidada, o poeta nos fala claramente do velho sentimento de nostalgia do tempo que passa inexoravelmente:

"Deito-me á sombra do menino morto para ver molduras de antigamente.

Sinto as mãos frias pelo desespero

de transpor fronteiras preso no sono.

Só, na imensa noite, sem destino, lívido, um objeto apenas.

Vou ao tempo antigo, olho-me no espelho: que tristeza, amigos.

Um dos mais impressionantes poemas deste livro, pelas sugestões de poesia que oferece e originalidade de expressão, é certamente o que deu título ao livro, "O Deserto e os Números". (Deixo de transcrevê-lo por ser um pouco longo). Tem, a meu ver, a virtude de condensar o ritmo, palavras e ex-

"Em que fonte de sonho e poesia poderei te encontrar ainda algum dia e de outra longa ausência de impedir?

Pelos campos da noite foste embora e se não voltas, pelo mundo afora, entre as sombras da noite hei-de partir".

Não é a minha opinião que irá elevar um centímetro o valor deste jovem poeta, sei disso. Mas, eu creio, sin-

pressões muito caras ao poeta. Há nele muitos véus, números misteriosos e uma atmosfera de pânico e tragédia, que reponta igualmente noutros poemas.

A melhor parte deste livro, para mim, entretanto, é aquela em que o poeta se aproxima do lirismo tradicional e dá-nos alguns sonetos à feição dos clássicos portugueses, embora sem rimas e com palavras tipicamente suas. "A Busca", por exemplo, é um dos mais belos e comovedores poemas deste livro. Não resisto ao prazer de citar os tercetos:

ceramente, que estou diante de um dos mais sensíveis e emocionantes poetas de minha geração.

fosse preciso matar alguém. Que complexo o Totonio tinha. Genio e pensamentos como os dele só de encomenda. Era raro encontrar uma pessoa assim.

Tcheque, tcheque. Tcheque, tcheque. O balanço do vagão continuava. O trem continuava a correr tendo somente ele e o bêbado na segunda classe. Totonio olhou melhor o fardo humano sacudido e encolado como um ouriço debaixo daquela cadeira. Olhando, veio de repente um grande desejo de matar o homem, buscar os bolsos, roubar a roupa dele com o do bêbado.

Como que impulsionado por alguém, olhou primeiro para um lado, depois para o outro. Ninguém estava ali e portanto ninguém via o que planejava fazer. Com esta idéia, levantou-se sem pressa do seu lugar, e, a passos vagarosos, aproximou-se do bêbado. Como a adivinhar o que ele preten-

dia fazer, este acordou de repente. Olhou ainda meio sonolento o rosto de Totonio, os olhos de Totonio, a faca que Totonio tinha na mão. Um frio percorreu-lhe a espinha. Ainda chegou a abrir a boca para falar, explicar, mas já Totonio consumara o seu bestial ato. Nem sequer um grito se ouviu.

Arenas um boque surdo do corpo que se confundiu com qualquer barulho comum. Totonio em seguida apalpou os bolsos tirando o pouco que os mesmos continham. Mesmo depois do despojo, a própria faca com que matara valia o dobro.

Trocou a roupa e numa curva da estrada, quando o trem diminuía a marcha, Totonio pulou, desaparecendo nos matos do outro lado. Deitado ainda de bruços devido a queda, viu o trem desaparecer por completo, levando consigo sem saber a estranha carga macabra.

Totonio tinha escondido o seu cigarro...



O CRITICO JOAQUIM ALVES

JOÃO CLIMACO BEZERRA

Não conheço, entre nós, maior exemplo de fidelidade ao estudo e amor ao trabalho do que o do prof. Joaquim Alves. É um pesquisador paciente, ávido de uma curiosidade insaciável, que o coloca sempre à vanguarda de todos os movimentos intelectuais da nossa terra.

Data de muitos anos a minha convivência com o mestre Joaquim. Conheci-o ainda no sertão longínquo, quando atravessávamos ambos uma espécie de exílio a que obrigou a imperiosa necessidade econômica. Mas, mesmo no sertão, distanciado de qualquer contacto com os centros de cultura e estudos, Joaquim Alves aproveitou as folgas da sua profissão de dentista para acumular material e experiências que lhes serviriam, mais tarde, de subsídios aos livros que já publicou.

A estréia do nosso arguto sociólogo, com *Nas Fronteiras do Nordeste*, constituiu, sem dúvida, um verdadeiro acontecimento nas letras cearenses.

Ninguém antes dele havia penetrado tão inteligentemente o passado da nossa região, tirando conclusões eminentemente científicas e dentro da realidade objetiva da nossa formação social e histórica. Aliás para salientar a importância deste livro básico basta recordar as constantes referências a que ao mesmo tempo fez mestre do quilate de Oliveira Viana, Josué de Castro e tantos outros.

Mas, não obstante a sua inegável predileção pelos temas de sociologia, com a publicação posterior de *PROBLEMAS DE PEDAGOGIA REGIONAL*, *REGIÕES*

NATURAIS DO NORDESTE, *ILHAS DE UMIDADE*, *JUAZEIRO*, *CIDADE MISTICA*, e a sua *HISTORIA DAS SECAS*, em elaboração, Joaquim Alves bem demonstra que não se colocou à margem do movimento cultural de Fortaleza. Muito ao contrário, toma parte saliente em todas as iniciativas dignas de aplausos, prestigiando-as com o seu nome e o seu passado.

Agora mesmo acaba de dar publicidade a um livro (Joaquim Alves — *AUTORES CEARENSES* — Editora Clã-Fortaleza) que é um resumo da vida intelectual do nosso Estado, desde o começo do século presente.

Articulista assíduo na imprensa local, muitos dos trabalhos que foram *AUTORES CEARENSES* já haviam sido estampados em jornais e revistas, quando do aparecimento dos livros a que os mesmos se referem.

Mas o seu autor, reunindo-os agora em livro, prestando mais um relevante serviço às letras da sua terra.

A posição dos escritores cearenses diante dos acontecimentos da primeira metade deste século em que vivemos, o retrocesso às raízes formadoras do nosso comportamento e reações em face dos mesmos acontecimentos, é, sem dúvida, a parte mais importante do livro do prof. Joaquim Alves.

Nota-se aí a predominância do sociólogo sobre o crítico. O homem que, antes de afirmar, declina de maneira indiscutível as razões que o conduziram à afirmativa. Por isso, o livro do prof. Joaquim Alves encerra, antes de tudo, um indispensável subsídio para a história lite-

raria da época contemporânea.

Após esse penetrante retrospecto, Joaquim Alves tece comentários em torno dos diversos autores que publicaram livros durante a primeira metade do nosso século.

Enfileiram-se nos capítulos de *AUTORES CEARENSES*: Braga Montenegro, Artur Eduardo Benevides, Raimundo Girão, Fran Martins, Jader de Carvalho, Sênio Lopes, Silveira Filho, Dolor Barreira, Eduardo Campos, Antônio Martins Filho, Filgueira Lima, Aluizio Medeiros, Gastão Justa e tantos outros.

Contistas, romancistas, poetas, economistas, historiadores e pedagogos, sem distinção de idade ou de escolas.

Para todos Joaquim Alves tem a penetração do crítico, mas não esquece as palavras amenas do estímulo e do encorajamento. Aliás, nesse particular, o contista Eduardo Campos, comentando os *AUTORES CEARENSES*, fez oportunas restrições à excessiva generosidade do Joaquim Alves.

Achou-o por demais indulgente, uma vez que nivelou algumas vezes, em pé de igualdade realmente inexistente, valores indiscutíveis e mediocridades, balofas e vazias.

Talvez tenha razão o contista de *VIAGEM DEFINITIVA*. Mas é preciso não esquecer que o prof. Joaquim Alves não despreza um só instante a obra crítica, cuja substância procura localizar dentro da formação e da escola literária do autor. Mas para o último do que para obra se volta a generosidade do mestre Joaquim.

Conhecedor profundo do nosso meio, tendo

ele realizado a subida da grande ladeira da vida, através de sacrifícios e de renúncias sem conta, Joaquim Alves converteu-se no mestre indulgente e compassivo para todos. Dai, às vezes a benevolência demasiada com que trata autores de reconhecida pobreza intelectual.

Dispensado este deslize, que vai por conta da imensa bondade do popularíssimo autor de *NAS FRONTEIRAS DO NORDESTE*, forçoso é proclamar o inegável mérito e a oportunidade dos seus *AUTORES CEARENSES*.

Um livro que é bem repositório das experiências e das realizações literárias da nossa geração e já hoje indispensável para os pesquisadores da nossa vida cultural e artística, durante estes primeiros cinquenta anos do século XX.

Aguardemos a publicação da segunda série, que constituirá, com certeza, mais um triunfo do infatigável falador que é o prof. Joaquim Alves.



AUSTRO-COSTA NA
ACADEMIA
PERNAMBUCANA
DE LETRAS

TOMOU posse, no dia 28 de outubro p. p., na Academia Pernambucana de Letras, na cadeira que tem como patrono José da Natividade Saldanha, o poeta Austro-Costa, figura de relevo das letras nacionais.

O lírico de *"Mulheres e Ruínas"* e *"Vida e Sonho"*, tem um lugar de destaque entre os grandes poetas de sua geração.

ATUALIDADE DE RUY BARBOSA

EPITÁCIO SOARES

ESTA o povo brasileiro comemorando neste mês o centenário de Ruy Barbosa, glória excelsa de nossa Pátria e sentinela avançada das liberdades democráticas.

Essas homenagens que estão tendo ressonância inter e extra fronteiras do Brasil, com repercussão na França, na Inglaterra, Holanda e outros países da Europa onde era conhecido e respeitado o saber do incomparável mestre, refletem sobremodo a atualidade de Ruy face à luta pela defesa dos preceitos constitucionais de que ele foi paladino, assinalando-se a história de sua vida por uma constante vigilância ao Direito, não permitindo que este fosse mutilado jamais. Para Ruy Barbosa o livre direito de expressar o cidadão o seu pensamento, sem as restrições de leis coercitivas, nem as limitações ao desenvolvimento das idéias, era ponto capital de uma democracia. Por isso ele lutou apaixonadamente, denodadamente, com a alma inflamada por esse calor que inunda o espírito dos grandes visionários.

Suas idéias, cunhadas no mais puro metal do idealismo democrático, do respeito à soberania popular, têm resistido à força imponderável dos tempos, norteando a nação em todas as suas campanhas libertárias.

Poder-se-á fazer ressonâncias ao pensamento do grande brasileiro, argumentando-se que no acervo de sua vasta obra de jurista e parlamentar houve erros porque o erro é humano, o que não se pode, porém, é negar o valor

moral das suas atitudes, o desassombro e a inflexibilidade com que sempre se levantou contra os poderosos na defesa do direito postergado.

Portador de um talento privilegiado, servido por uma cultura enciclopédica, Ruy não se deixou consumir no valhacouto do servilismo onde tem naufragado muitas inteligências aqui e além.

Ele mesmo se qualificava: "Eu sou um programa". E esse programa era o Direito, esse programa era a Liberdade, esse programa era a Democracia!

Por isso mesmo, hoje

que a Democracia pericola e o Direito sente-se enfrangido nas suas bases fundamentais, as comemorações a Ruy Barbosa, no primeiro centenário do seu nascimento, têm o mérito de indicar às novas gerações, principalmente à juventude das escolas, o caminho da verdade, do direito e da justiça, contra esse espírito negativista e retrogrado que se apoderou de nós.

Em Ruy tem a mocidade o maior exemplo de luta pela liberdade, resguardando-a da fúria vandálica dos que a temiam no seu tempo, fossem quais fossem as

colorosas circunstâncias em que se tivesse de encontrar, ficasse ou não contra velhos companheiros de jornada para defender o direito de um inimigo injustificado.

Assumir agora o compromisso de lutar com firmeza pela Democracia, contra as forças que a querem destruir em nossa Pátria, violentando prerrogativas constitucionais, essas mesmas prerrogativas que ele defendeu com o ardor do seu liberalismo, é a maior e mais significativa homenagem que podemos prestar a Ruy Barbosa.

Novo Livro de PITIGRILLI

DEPOIS de prolongado silêncio que o troar dos canhões impôs ao escritor, Pitigrilli, o famoso romancista, considerado, depois do tecnólogo Shaw, como o maior satírico e humorista contemporâneo, voltou à luz pública e as suas novas produções estão alcançando retumbante e extraordinário êxito internacional.

Dentre elas destacam-se

"MOISÉS E O CAVALLEIRO LEVI", romance original, admirável obra de pensamento, a de maior alcance e envergadura de quantas sairão da pena incisiva do célebre romancista italiano. Suas personagens centrais sintetizam vigorosamente grande parte da humanidade de agora e vêm a ser como o Ariel e o Calibã do nosso tempo.

FRENTE AO MAR

EDUARDO MARTINS

I

*A aragem do fim da tarde
traz o hálito salgado do mar.*

O' triste serenidade do anti-crepusculo!

II

*Do largo, sopra agreste vento.
Nem uma vela na aparente tranquilidade das
[águas.*

Livre mar infinito!

"Os protagonistas de 'MOISÉS E O CAVALLEIRO LEVI' — escreveu Pitigrilli — dizem aos pobres, aos operários, aos derrelitos, aos escravos de uniforme, aos subnutridos de estômago e de cérebro, a nova juventude que surge, aquilo que eu penso, e queriam o seu bem-estar, o seu resgate desta imunda sociedade de industriais, de traficantes, de rufões, de adúlteros, de pasquins, de altas finanças e de nacionalistas de bozar, que, emborrachando-se de sofismas e de algarávios, manda-os periodicamente, sob 'ismos' diversos, em diversas direções, matar-se e fazer-se matar por palavras".

"MOISÉS E O CAVALLEIRO LEVI" está alcançando extraordinário sucesso de crítica e de livraria, em França, Itália, Inglaterra, Argentina, e foi primorosamente vertido para o nosso idioma pela notável escritora petricista Marina Guaspari. (Editora Vecchi).

PAUL PARAY, - REGENTE DOS CONCERTOS DE TEL AVIV

RENÉ DELANGE

Os músicos dos Concertos Colonne não serão chefiados, ao retomarem sua atividade, pelo seu Presidente Diretor Paul Paray. Este aceitou reger, a partir de outubro, a orquestra de Tel Aviv, cujo primeiro regente foi Toscanini e cujo quarteto de cordas é dos melhores do mundo (as três primeiras estantes de 1.º violino são ocupadas por virtuosos da classe mundial, que ocupam alternadamente o lugar de solista).

Porque foi que essa falange pediu a Paray de ficar à sua frente durante toda uma estação, quando habitualmente recorre a vários regentes? Simplesmente porque ele a dirigiu durante seis semanas na última primavera, e a Comissão dos Concertos de Israel entendeu que, depois de Toscanini, nenhum regente fizera trabalhar a sua associação com mais vigor, maestria e expressão musical do que o mestre francês.

Paul Paray pediu que as estantes dos instrumentista do sopro fossem completadas com um instrumentista francês.

Considera que a escola francesa de sopro é superior às dos outros países e que os músicos de Israel devem aprender sua técnica.

Satisfeito o seu pedido contratou em Paris um flautista, um oboé, um clarinetista, um basson, um trombeta, um cornetista e um trombone que ensinarão os métodos dos franceses, a seus colegas de Tel Aviv. Assim a homenagem prestada a Paray se reflete

ao mesmo tempo sobre o ensino francês da música.

Não é só por sua profunda cultura que Paul Paray é um regente prestigioso (o seu primeiro Grande Prêmio de Roma, em 1911, é um dos mais brilhantes que se conhecem), mas também, segundo a expressão típica dos músicos de orquestra, "ele tem braços". Braços de uma ondulante maleabilidade ou de uma rigidez de aço, conforme acelera ou atrazava um movimento, sublinha uma gradação, lança um ataque ou marca uma parada.

Sempre exigente no trabalho dos ensaios, é no entanto alegre, de uma alegria de verdadeiro normando.

Seu pai, Augusto Paray, originário de Dieppe, esculpta marfim em Tréport. Cultivando música com gosto e paixão, ocupou, numa vaga ocasional, o modesto lugar de organista da venerável igreja de Saint Jacques, sendo ao mesmo tempo o chefe da música municipal.

Certa tarde, descansando em casa, ouviu seu filho pequeno tentar tamborilar com dois pedaços de pau sobre o ladrilho da cosinha, e resolveu comprar-lhe um tambor. E o pequeno Paulo foi, com a flautinica de Tréport, a um concurso de música em Beauvais, onde um primeiro prêmio "especial" de tambor lhe foi conferido unanimemente pelo júri. Aos cinco anos, alcançara sua primeira recompensa musical, foi seguida de muitas outras quer na Mai-

trise de Rouen, célebre pela qualidade da cultura geral ali ministrada quanto no Conservatório de Paris.

Era pensionista da Vila Medicis havia três anos quando rebentou a guerra de 1914, em que participou na infantaria. Voltando à vida civil, teve de enfrentar grandes dificuldades materiais; e aceitou logo o encargo de dirigente, em julho e agosto de 1919, a pequena orquestra do Casino de Caudebec. No fim da estação, três dos seus membros, que pertenciam aos Concertos Lamoureux, decidiram não a pedir o lugar de adjunto de Chevillard que presidia aos destinos daquela coorte sifônica. A 20 de fevereiro de 1920, subiu, para uma experiência, à estante diretorial dos Concertos Lamoureux. Três dias depois era eleito suplente de Chevillard pela Assembleia Geral da Associação.

Uma vocação é em geral determinada pelo acaso.

Mas sua surpresa mais maravilhosa, ele a deve a um violinista de 9 anos e meio, que viera trabalhar em Paris com Georges Enesco e lhe foi apresentado pelo violoncelista Hekking.

— Que quer tocar? — perguntou a criança.

— O que quiser.

Será dizer muito. Não conhece, por exemplo, todos os concertos de Bach, de Mozart, de Beethoven e de Brahms?

— Conheço.

— Que trouxe?

— A "Sinfonia Española" de Falla.

— É bem difícil! Mas vamos lá...

Sorrindo incredulamente, o mestre se sentou ao piano. Ao cabo de alguns compassos, tinha os olhos cheios de lágrimas. No final do trecho, entusiasmado, saltou ao pescoço de Yehudi Menuhin, que imediatamente contratou para dois concertos e assim conheceu sua entrada na glória.

Assim que se anunciar a primavera próxima, Paul Paray sairá de Tel Aviv para os Estados Unidos e dirigirá durante 11 semanas a Philharmonie de Pittsburgh, à frente da qual fará uma tournée na América do Norte. E voltará para Israel afim de ali dirigir os últimos concertos da estação 1949-1950.

Em plena maturidade de sua maestria como Chefe de Orquestra, Paul Paray abandonou seus trabalhos de compositor. Com razão seus amigos o censuram e os invejosos se alegram.

Quando se pensa que a música, segundo Polybe, era necessária para abrandar os costumes dos Arcades, que habitavam um país onde os ares eram tristes — e que afinal ela só abrandava, em certos seres de exceção, os costumes dos que a ela se consagravam!

Se de onde em onde Paul Paray se deixa levar a picar um de seus colegas é porque, outrora, foi acompanhador nos cabarés de Montmartre. Ali se sentou ao piano do Quai d'Orsay, para acompanhar os cançonetistas em voga de então.

À MANEIRA DA GENTE GRANDE

MARINA PAUL-BOUSQUET

TRÊS rapazinhos, entre 8 ou 9 anos, seguidos de duas meninas, caminhavam na minha frente. Todos têm livros na mão. É uma quinta-feira. Estou surpreendida de os ver tomar a direção do edifício de tijolos vermelhos da escola. Os pequenos param e empurram uma grande porta envidraçada, orlada de niquel. É o prédio onde se acha instalada a "Biblioteca Infantil". A sala é espaçosa, clara, alegre. Desde que nela se penetra, fica-se surpreendido pelo recolhimento dos jovens leitores. E os que vêm e agorá se encontram nesta sala são realmente leitores, verdadeiros leitores absorvidos que eu contemplo nesta biblioteca organizada, ao que parece, para jovens "ratos". As crianças que me precederam se puzeram, uma atrás da outra, diante da escrivaninha ocupada por um jovem. Espero minha vez, ouvindo-os. Gravemente, eles executam o primeiro rito: entrega dos livros que se lhes emprestou. As fichas fixadas nos volumes tornam ao seu lugar no fichário e cada criança recupera, em troca, seu cartão vermelho de leitor. Tive tempo de constatar, durante esta operação, que os livros trazidos estão todos encapados. As capas não têm a mais leve mancha. Estão agora os leitorzinhos admitidos a escolher novos volumes. Depois de terem tido o cuidado de passar ao vestiário e ao lavatório, pois não se deve tocar nos livros senão com as mãos limpas, as crianças consultam os catálogos e fichários.

"Esta biblioteca é exclusivamente reservada às crianças", diz-me

Mlle. Coeytaux, que vem de repor os livros nas estantes. Eis-me aqui, primeiro que tudo, iniciada na classificação das obras — fichas determinadas por nomes de autores, para a comodidade das crianças, e classificadas por títulos. "Muitas crianças pedem livros expostos nas vitrinas das livrarias" — explica-me a jovem bibliotecária. E acrescenta: "Uma gravura, um título, chamam sua atenção sem que elas tenham pensado em reter o nome do autor; a classificação por títulos é então indispensável".

Na parede há um cartaz, trabalho de um menino de 10 anos, que dá a chave da classificação decimal graças à qual é fácil aos frequentadores achar o lugar das obras científicas, históricas, zoológicas, etc. Penetro um instante no universo encantado dos contos de fadas, das "Aventuras do rei Babar", de Bicot, com

os quais se avizinham Christophe, Julio Verne, Assolant e Balzac...

Mesas redondas, baixas e pesadas, em faia lisa, são ocupadas por 4 ou 6 leitores, sentados em cadeirinhas confortáveis. Sente-se o silêncio destas crianças, feito de sonhos leves, cheios de candura, e se uma dentre elas se debruça sobre seu vizinho, para lhe dar uma explicação ou lhe fazer parte de uma descoberta, é em voz baixa que se exprime, pois aqui, sem punições nem repreensões, todas aprendem a respeitar os livros e a leitura dos camaradas. Ao lado do registro sobre o qual as crianças são autorizadas a pedir as obras que desejam achar na biblioteca, folheio o "caderno do crítico"... "Que livros aconselha você a seus amiguinhos?" — "Por que?" — lê-se na primeira página. Mas eis um leitor que debaixo de nossos olhos me confia um se-

grêdo. Ele vem de inscrever seu nome e idade; em seguida, o nome do autor e o título do volume que acabou de ler, e sua crítica. E tanto respeito, tanta franqueza, tanta consciência, perturbam a jornalista a quem se revela a alma encantadora desta criança. Onde acharei entre estas cabeças louras a pequena menina que após a leitura de "Pequena Irmã de Troit" anotou estas palavras: "Este livro me causou prazer porque fala das criancinhas"! Uma obra sobre a natação é indicada aos camaradas esportistas, por um rapazinho, e um outro, comovido pela leitura de "Os meninos de Londres", aconselha a seus amigos de o lerem "porque é belo... é sóbrio". Tantos motivos o solicitam. Quantos belos títulos em letras douradas os atraem! Em que direção vão eles? Quais os encantos que



FLORENÇA — CASA DE DANTE

se operam sobre seus jovens espíritos?

Certamente a parte do maravilhoso tem sobre as crianças uma prestígio fascinação, e a datação dos romances da Idade Média goza da preferência delas. Mas, é sabido com que paixão certos pequenos leitores devoram "Les Captifs de la tour carrée", "Le Vicomte de Bragelonne" e "Les Trois Mousquetaires", enquanto que outros descobrem sua predileção para a arte teatral: teatro clássico, etc., teatro de Labiche. E lá, naquela mesa de estudos, estão agrupados os camaradas para os quais os livros científicos sobre os motores da aviação, o telégrafo sem fio, as obras históricas (as biografias romaneadas são muito procuradas), são os volumes mais belos do mundo.

A Biblioteca Infantil da rua Fessart foi fundada em 1917 em um abarracamento Adrian, pelo Comité Franco-Americano que criou as bibliotecas nas regiões devastadas no Aisne. Em 1922 a Vila de Paris que ofertou o terreno sobre o qual foi erguido o abarracamento mandou edificar a biblioteca atual, que compreende uma sessão para adultos ao rés do chão e uma sessão infantil no 1.º andar. O benefício duma tal biblioteca no bairro de Belleville é incontestável. Após as aulas, ou nos dias feriados, que alegria a de achar no quadro florido e acolhedor da biblioteca livros recreativos e obras educativas que são um complemento da escola! "A biblioteca não é uma sala de patronato, mas uma sala de cultura", observava Mme. Alaniou, que é a erudita bibliotecária desde a fundação.

Os pequenos leitores que assim o desejam, podem se tornar úteis e virem a ser ajudantes

de bibliotecários. A biblioteca situada na rua Mouton-Duvernet, que funciona no último andar de uma ala da nova prefeitura, possui um terrço espaçoso. Um garoto me faz admirar o funcionamento ultra-moderno das altas vidraças corridas silenciosamente pelas quais o ar de Montrouge e a claridade dão um pouco de pureza dos tetos do bairro populoso. "As crianças são felizes no verão", confia-me Mlle. Desnoyer. "Nos instalamos as mesas em pleno ar livre, entre os arbustos e as flores".

Eu cheguei à biblioteca em plena exposição de animais. Os desenhos que vão do leão ao coelho doméstico, passando pelo peixe japonês, decoram os muros. Mas, apesar da exposição ser exclusiva para desenhos de animais, um menino de 7 anos puxa-me à sua mesa e me confia o que ele prefere a tudo: fazer o retrato de Joana D'Arc.

Mas donde vêm estas crianças? Todas as crianças da França podem frequentar estas admiráveis bibliotecas criadas para elas. E a camaradagem que nelas reina não é o menor benefício destes verdadeiros clubes de leitura. Porque há vantagens de toda sorte.

Uma outra biblioteca é a da rua San Martin, que, menos espaçosa, não pode conceder senão duas mesas às crianças. Em compensação, reserva a maior parte da sua atividade ao empréstimo de livros a domicílio.

"A Hora Alegre", na rua Bouchrie, é uma das mais importantes bibliotecas. Foi fundada no dia 12 de novembro de 1924 por uma norte-americana, Mrs. Griffiths, que doou a sala de 2.000 volumes para crianças e em seguida a ofereceu à cidade de Paris. Suas coleções importam hoje em mais

de 4.000 livros. Em volta das encantadoras mesas redondas que a guarnecem, sucedem-se cada dia 75 a 80 crianças, enquanto que os livros são emprestados a domicílio por centenas. A organização da biblioteca "A Hora Alegre" difere das outras salas de leitura. Nela uma longa mesa é reservada aos liceístas, que antes de ler para seu prazer, podem acabar uma lição ou um desenho. E periodicamente se organizam espetáculos. Uma peça será discutida sempre antes de encenada, e os papéis distribuídos tomando-se em conta o gosto e os dons dos intérpretes. Um grande cartaz, composto por um jovem leitor, retém meu olhar. "Não deixe de vir", está escrito, "às reuniões das quintas-feiras de 6 às 7 horas". É o cartaz acrescenta que determinada peça será lida em alta voz. Um outro grupo dessa biblioteca fundou o jornal "Le Furet". Na primeira página, à maneira de introdução, eu li estas linhas: "Quando pela primeira vez vós entrastes nesta biblioteca, seguramente vós vos apercebestes do sentimento de bem estar que aqui reinava, pois evidentemente esta biblioteca não é uma casa vulgar onde vós vindeis escolher livros". Não, não é uma casa vulgar "A Hora Alegre". Mas as quatro outras bibliotecas para crianças também não são casas vulgares. Em cada uma delas, bibliotecárias inteligentes e devotadas guiam as crianças embaraçadas na escolha de uma obra, e elas lhes inspiram o respeito da coisa escrita. Cada semana na "hora do conto", se agrupam em volta da bibliotecária numerosos leitorzinhos. E então lido um conto para as crianças. São assinalados certos passagens, e acontece

muito frequentemente que a criança, comovida e interessada pela história, quer lê-la. Então ela se deterá nas passagens assinaladas — a beleza duma descrição não passará despercebida; o valor dum caráter se gravará com mais força, mais graça, mais emoção, especialmente das personagens que souberam tocar seu coração por seus acentos, por sua solicitude. (Tradução do francês por Juracy Mota Guimarães.).

ENTRE os diversos prêmios distribuídos este ano pela Academia Brasileira de Letras, destacam-se os seguintes: "Machado de Assis", "João Ribeiro" e "José Veríssimo", além do de poesia. O primeiro foi conferido ao ensaísta Augusto Meyer, autor de "A sombra da Estante", pelo conjunto de obras sobre a vida, livros e personalidade do patrono da Academia, e conhecido justamente como um dos críticos mais agudos e sutis do grande romancista de "Dom Casmurro". Augusto Meyer, que é também diretor do Instituto Nacional do Livro, realiza-se assim, de uma e outra forma, no mesmo plano cultural. O prêmio "João Ribeiro" foi conferido ao sr. Luís da Câmara Cascudo, autor de "Geografia dos Mitos Brasileiros", e o prêmio "José Veríssimo" ao sr. Afonso Arinos de Melo Franco, pelo seu livro "História do Banco do Brasil". O prêmio de poesia coube à sra. Beatriz dos Reis Carvalho, autora de "Eterna Presença". A solenidade da entrega dos prêmios realizou-se a 29 de junho último, no salão nobre da Academia, tendo discursado em nome dos premiados o sr. Augusto Meyer.

POESIA NOVA

A SEGUNDA EXPOSIÇÃO PAULISTA DE POESIA

REYNALDO BAIRÃO

PELA segunda vez, um grupo de "novíssimos" resolveu colocar nas paredes da Galeria Itapetininga poemas ilustrados por alguns dos pintores e desenhistas, mais representativos, daqui de São Paulo. E, se não houve nenhum critério seletivo, na escolha dos poemas destes expositores, alguns destes poemas são merecedores não só do aplauso da crítica, como também, longe dos encômios frios, são merecedores da nossa admiração, tanta a coragem que têm mostrado.

Não é do nosso hábito criticar uma obra de arte senão em seu conjunto, mesmo porque não é possível se falar de um poeta, se conhecendo dele um ou dois poemas. A obra, em seu aspecto geral, toma as mais das vezes um outro caráter (quando em livro), que o simples espécime não o possui. Um poema diz muito, ou muito pouco, nele, mesmo. Num volume de poemas poderá o mesmo verso de que não gostaríamos ter um significado peculiarizante — que, sozinho, numa gelida parede, não o terá nem com boa vontade. Entretanto, o que mais nos assombra, nesta original exposição, é justamente a realização alcançada por alguns, salvaguardando a aparência de desordenado, de ausência de poesia que perambula entre os rezantes...

Do lirismo suave, de Dalma Florence ou de Hilda Hilst, a é a amargura seca de Carnicelli; do desprezo ao pré-estabelecido de Radha Abramov até o socializante de Sérgio Pires; da profundeza da humanidade inter-

na de Paulo Sérgio até a rememoração imprudente e psicanalítica de Amélia Martins ou Fernando Henrique — vamos encontrar um caminho para todos esses trabalhadores, cansados antes de começar a luta, homens sós que não deviam, mas que isolam a poesia do mundo porque o mundo já não é More...

Dou a máxima importância à poesia de Paulo Sérgio pelo que ela representa como libertação para o seu autor. Conhecendo o seu livro que deve sair por estes dias, posso afirmar que Paulo Sérgio é a maior consciência poética de sua geração, pela idade e problemas que apresenta a todos nós. Não que fique em fatores por demais atenuantes, para a crítica de arte, a firmeza em dizer bem, aquilo que é preciso se dizer. Mas Paulo Sérgio, antes de mais nada, pede honra e idade no julgamento, pedindo mesmo que se desprezasse todos os possíveis atenuantes do critério; quando se falasse dele e de sua

obra. É o respeito devido à sua noção de valor e responsabilidade, que me fez ser consciencioso para com ele, agora e sempre.

"Mais ou menos bíblico" é um dos poemas antigos de Paulo Sérgio. Antigo em data, onde se nota ainda certa vacilação do poeta ante o problema grave da criação propriamente dita. Se ele consegue o máximo de lirismo e enleio com as repetições sistemáticas da parte formal, há momentos que sentimos um vácuo em nós, leitores, devido à pressa com que o seu autor precisa acabar de vez. Essa necessidade de determinar é característica de Paulo Sérgio. Ele afirma sozinho e zombando, porém se arrepende quase que em seguida, daí seu próprio conteúdo ser todo ele bastante negativista. As próprias repetições vocabulares; as citações que se sucedem de versos para verso; o ritmo derramado, e não procurado, constante reforço silábico que ele obtém por instinto, em "Mais ou menos bí-

blico": nos demonstram o quanto essa jovem pertinaz sabia o que ele queria. E porque ele vacilava tanto. O vácuo não se mostra mais que pura consequência, é uma atitude do poeta para com o leitor menos avisado e mais convencido de entendimento. Paulo Sérgio, aqui, faz com que o leitor, após sentir um vazio tão incomensurável, saiba que depois da descoberta "veio um sorriso de ironia e a desolada certeza de que no princípio era o verbo".

"Nada mais além do verbo"... derrotando a pretensão do que se possa pavorar de "conhecido" ou "ilustrado".

No "Poema da Estrada Caminhada", vamos encontrar um outro poeta, amadurecido, cético, sem precisão de sonho, um poeta que dorme continuamente e profundamente, sem o transbordamento próprio da adolescência. Nesta pequena-grande obra-prima, recebemos um Paulo Sérgio despojado de qualquer artifício, a língua é pura, não há palavra ou acento que não tenha o seu lugar previamente marcado, cada verso sucede o precedente com a marcação sólida e esquecida que possui a tônica em nossa música popular, de principal ao samba da que aliás o seu autor se mostra tão conhecedor auditivamente. Me parece que Paulo Sérgio é, aí, mais Poderoso que sugestivo.

A sucessão de imagens superpotas, o intimismo atado a um "passado longínquo morto", a coerência de mundos novos uma vez que o mundo é "tão pequeno e só", a necessidade ex-

SONETO

JOSE VALERIANO RODRIGUES

Há de ficar em nós, simples e puro,
O encantamento que nos é comum.
E as nossas almas irmanadas ficam,
Pois nada somos que dois, setes num.

Realizamos um páraio do instinto
Obra comum, multiplicando o ger.
E paira, Augusto, em realidade ou sonho
O amor, somente, que nos dá o poder

Em tudo pulsa, redentora e viva,
A força simples que do nada faz
Homens, miasmas, sábios, sandeuses

Acclamamos, assim, nosso destino
E obedientes sejamos ao desígnio
Da vida que é partícula de Deus!

tamente extraterrena de "viver entre todos", de participar com "a vida de todos e em todas e todas as horas" — fazem deste poema o canto derradeiro do poeta que precisou sentir "mil vezes a mesma vida", se entregando à Morte "com prazer", assim que ele viu "o despojar de nova aurora". De fato que Paulo Sérgio tinha uma equação a resolver. Que era a da cristalização. Mas previu que sentiria "sufreguidão de estar parado", e, por isso então, se perdeu "em tristezas sem limites", "olhos tristes, pálidos, nublados" o perseguindo, até afastar dele "todo um passado", "embora tivesse tudo tão sabido"...

"Sentir intensamente" todas as coisas, foi o que Paulo Sérgio fez em sua vida de poeta e neste poema sublime. E não foi à toa que ele cantou, tão tristemente, como se o Poeta fosse o próprio Deus:

"parti, andei, cantei e bradei

por novos valores que já foram meus!"

Vicente Augustus Carnicelli é outro moço que é poeta e que sabe porquê é poeta. Tendo entrado numa nova fase; tendo desprezado aquele seu "impressionismo" fotográfico, tão perigoso; tendo adquirido pleno domínio de seu "métier"; tendo visto que sua experiência da vida é equitativa à experiência de Vida acumulada, que todo verdadeiro poeta traz em si por séculos; Carnicelli, despojando-se de toda a floração prosaica, procura, agora, o máximo de conteúdo poético no mínimo de expressão deformada, tendendo eu a afirmar que tem alcançado plenamente o seu objetivo. Felizmente.

Carnicelli é sarcástico, mau, diabólico, e se encontra comigo muitas e muitas vezes, pela antítese reformativa de que cada qual traz em si um

pouco de Deus e de Baal. Há muita religiosidade nesses dois poemas, ora exposto no novo clubinho, e que foram ilustrados de acordo pelo próprio poeta. As folhas que se transformam em olhos sedentos; a predestinação de ser aquele que mais sente a Despedida; o descobrimento de um arquipélago em muitos croações cravados de espinho, que é o seu próprio coração transfigurado em momento de última ceia; o seu "sentimento do mundo", que não é nada drummoniano, ao contrário!, mas que é a recapitulação de tudo que foi visto por ele próprio em outros tempos, metamorfoseado em renascentista; o pictórico repisando a inutilidade dos conceitos conhecidos, pelos que são os tabaques dos costumes — me dão a sensação clarividente de que Carnicelli é poeta clarividente e másculo, mais próximo do misticismo religioso que qualquer um de nós.

Não que essa poesia não tenha os seus defeitos. Os tem e até bastante graves. No entanto o que poderá parecer erro ou gravidade, é circunstância, é o ato em que o adolescente deixa de ser homem para ser homem e mulher (possuindo que está pela Lua), para ser andrógino, contemplador ativo de toda a passividade circundante. Me parece que é mesmo neste ponto que Carnicelli passa da pureza religiosa para a mitologia bárbara, reencarnando nele ora a figura de lára, ora a figura mais sombria de yurutahy, o "boca larga"... Os gritos que ouço nos poemas deste jovem corajoso são de um desespero sempre "inútil", por que não há velório que não se repita, o choro precipitando-se pelas rosas fugazes, as caras desnudas e de um molhado repugnantemente seco ou viscoso — as mãos, ah

as mãos dos círculos fálicos! fechadas desde que os tempos começaram em todos nós...

Carnicelli é poeta e sabe porquê é poeta. Tenho fé em todo aquele que sabe que é e porquê é que é, pois destes serão o inconcluso e a poesia, poesia que se repete em permanente medição.

Sérgio Pires se me afigura perdido no caminho em que está. Isto é uma pena porque não falta nele talento para vencer o perigo da poesia-social, o perigo da demagogia, da facilidade estribada na falsa piedade que ele sente erradamente pelos que vivem abandonados e sós. A poesia-social é difícil não porque já tenha existido um Maiacovski ou um Neruda. Porém é difícil porque, como todo gênero poético, é um Mistério. E o Mistério é líricamente uma Presença. E a Presença é, acima de tudo, Domínio e Amor. Ora, a poesia nasce da insatisfação do sujeito em relação ao objeto. O sujeito se vê refletido no objeto contemplado, e chora. Ele tem medo daquilo que está ali refletido, tem medo de tudo que se tem medo naturalmente. Do medo, surge a necessidade de suplantação. E da suplantação a necessidade ainda maior de uma só realidade: aquela que se recria (aparentemente) à nossa própria imagem, e criação...

Sérgio Pires me parece estar agindo ao contrário disso, e é só por essa razão que não convence sempre a sua poesia. Vejo esse rapaz, esforçado, humilde e de talento, perdido não em ideologias (que pouco ou nada importem na leitura da obra de arte), mas o vejo perdido, enegrecido, numa série de vacilações, resultantes de influências maléficas para ele, moço, pedra, limo, terra. O poema ilustrado por Darcy Penteado, melhor que o

outro exposto, me deixa ainda assim bastante frio, ante as soluções fácies porque discursivas, programáticas. Não me interessa que a vida seja assim, que ela seja isso, ou aquilo. Me interessa o que o filho poderá dizer à mãe de transportado a um plano já não convencional, me importando somente no "ato" o reflexivo, o condicional, o profuso, o antilético, o profético ou o simplesmente prognóstico. O preservativo de que se utiliza Sérgio Pires é contraproducente já porque me parece uma constante procrastinação. Ele deixa para amanhã aquilo que poderia fazer hoje. É passivo, me irrita a entrega sem preponderância. Seu conteúdo extra-lírico, aqui no caso, vai se desperdiçando. Acho, sinceramente, que seus olhos devem se abrir outra vez, antes de se fecharem para todo o sempre...

Não criticarei, como não critiquei até agora, a poesia deste poeta que sei possuir grande valor. Digo, porém, o que sinto em relação à ela, sendo isso suficiente, para que ele tenha a coragem de se abandonar a si mesmo...

Ao Dalmo Florence, como à Hilda Hilst, peço cuidado, pois que a multiplicidade de roseiras fará com que as encruzilhadas torturem a os dois... Amélia Martins, sempre mais firme, se me torna mais dificultoso falar dela, em não se tratando de um livro impresso realmente. Radha Abramo, sincera, forte, poeta-homem, deixa de quando em vez vasar pelos seus dedos esguios um halo de sensibilidade, invejável nesta novíssima geração. José Emilio Expedicto de Castro, num caminho mais ou menos paralelo ao de Sérgio Pires, "é" sem saber que "é" mesmo; fazendo-se notar de interessante a ausência de qualquer pieguismo



MUSICA POPULAR PARAIBANA

JOÃO DA VEIGA CABRAL

FURTANDO uma expressão ao saudoso José Rodrigues de Carvalho, podemos dizer da música popular paraibana que ela, agora, não passa de uma cacimba que deu na pedra. Estancou, secou, estorricou de vez.

Ainda a alongamos, no primeiro quarto deste século, jorrando abundantemente pelos seus veios generosos. As orquestrinhas de pau e corda — o meio mais idôneo da sonorização da nossa linguagem musical popular — organizavam-se e tinham vida efetiva por todos os bairros desta Capital e em cidades do interior. Possuíamos, então, dezenas e dezenas de excelentes violonistas, flautistas, clarinetistas, saxofonistas, violinistas intuitivos,

cavaquinistas — sapécas, integrando esses conjuntos, tocando nas suas exhibições com quantos dedos e com quanta alma possuissem. Por esse tempo, o nosso Milton Dantas — um dos maiores violonistas que o Brasil já deu, em todos os tempos — fundara a gloriosa escola paraibana de violão. Essa escola aperfeiçoou, desenvolveu, estilizou, enriqueceu as possibilidades do velho pinho seresteiro, dando-lhe uma capacidade harmônica e melódica cheia de encanto, de uma intensa poesia sonora. Os discípulos de Milton andam por toda parte e quando a gente os ouve tocar sente que qualquer coisa nova apareceu na arte de puxar as seis cordas desse neto brasileiro da guitarra espanhola.

Milton Dantas está aqui, bem vivo, na sua terra. Meio bambo, meio esquecido, meio infeliz. E isto porque aqui, na Paraíba, não há mais ambiente para ele. Nem para as valsas e choros belíssimos que compôs. O samba carioca chegou por aqui como um tufão. E arrasou, pôs em ruínas tudo que era nosso. A "Orquestra" Tabajara, com que Severino Araújo, esse lacaio da submúsica americana, anda pelo Rio negando a sua terra, nunca teve nada de paraibano. É qualquer coisa importada dos "dancings" baratos de Novo Iorque. Que esse "band-leader" faça o seu barulho, corrompa, en-

venene, cretinize a nossa tão linda e expressiva música popular. Mas não fale em Paraíba, por favor.

X

Naquela época já citada, que se estendeu até a uns vinte anos passados,

a floração instrumental deu lugar a uma correspondente criação dos nossos compositores urbanos. Nas serenatas, nas festinhas familiares, nos desfiles e bailes de Carnaval imperavam as composições de autores nossos. As valsinhas, os chorinhos de modulação caprichosa e cheia de imprevistos, as marchas, os formosos maracatús empolgavam o nosso povo e faziam época.

Oliver Von Sohsten mantinha uma orquestrinha mimosa, de pau e corda. Reporem só o nome: "A Lira de Prata". E valia ouro. Alípio Tiago era o diretor de outro conjunto, rival bem sério do de Oliver: "Sexteto Regional". Os bairros de Mandacarú e de Jaguaribe também possuíam grupinhos afinados. Em todos, o violão era o rei, e as obras dos nossos compositores eram colocadas em primeiro lugar. Era cada chorinho, cada valsa de fazer chorar até uma lamparina velha sem pavio. No Carnaval de 1925 ou de 1926, espantou a cidade, eletrizou-a, levou-a ao delírio, uma orquestra levada dos diabos e com um nome de fazer arrepiar. Foi — vejam que nome danado! — o... "Bode Vermelho"... E de "Bode Vermelho" denominava-se, também, o hino oficial desse "bloco" endemoniado. E todo o mundo cantou, berrou, uma legítima composição paraibana.

Oliver Von Sohsten, Milton Dantas, Pastor Brasil, Zé de Andrade, Luizinho, Zé de Castro, Ernesto Pinho, Alípio

Tiago, Amando Pinho, Olegário de Luna Freire, Carlos Honório, Guigui, Valfredo Ribeiro e tantos outros formavam uma turma que gosava, em todo o Estado, de uma imensa popularidade. E, quando começava a tocar, ninguém seria capaz de detê-los. Jam até o dia amanhecer para pegar — como diziam — o Sol com a mão...

Depois... veio a rádio-difusão. A música carioca, o frevo pernambucano tomaram a palavra. Distrações ou ros afastaram os nossos rapazes do violão, da flautinha, dos nossos chorinhos familiares. Dissolveram-se um a um, os conjuntos de pau e corda. Os compositores se escolheram, porque não tinham quem tocasse as suas músicas. A polícia implicou com as serenatas e tanto meteu os seresteiros no xodrês que acabou com elas.

— E pronto — a cacimba deu na pedra...

(Concl. da pag. 2)

entendem ou não querem entender. Nisto é que está o âmago triste desse agora silencioso cantor das musas. Melancolicamente retardado na vida, parecêra despresado pela Morte, deixando-se ficar de lado esquecido, vagando entre o seu mundo extinto e esse novo mundo desmemoriado, bebendo até o última gota o cálice da indiferença, numa espontânea conformação com as cousas, melancolicamente abismado na condição de ser o derrodeiro sobrevivente do cataclisma que levou impiedosamente todos os seus companheiros. E isto eu acredito que foi uma conduta voluntária, porque o homem que ele era, diferente do poeta que fora, teria sido se quizesse, até a morte, um daqueles que mesmo no outro mundo, por aqui ficam durante muito tempo derramando a sua sombra por sobre os vivos.

no seu poema "Apêlo", onde todos os "homens não vêm" porque "ficaram na estrada ficaram no mundo clamando chamando sorrindo também".

Chamo a atenção de todos os meus possíveis leitores para os temas de descontento, de desilusão, de medo, angústia, abandono, que jorram dessas páginas tantas vezes recamadas de intensa Poesia. Esta última geração de poetas nossos, me aponta uma turba de desalentados, caminhando para o Nada ou para o Todo, em cada face um rictus que parece o derrodeiro sorriso de alguém que não quer viver.

Antologia de Poetas Paraibanos

SELEÇÃO E NOTAS DE EDUARDO MARTINS

OSORIO PAES

1886 — 1949

O OSORIO de Medeiros Paes nasceu na cidade de Alagôa Grande a 14 de junho de 1886. Filho do cel. Bento de Medeiros Paes, ex-comandante da Polícia Militar do Estado, já falecido. Aos doze anos entrou para o Seminário d'onde saiu quatro anos mais tarde para ingressar no comércio. Abandonando a vida comercial, seguiu para a cidade do Salvador, onde fez o curso de cirurgia-dentista. Entregava-se, desde então, à sua clínica.

Faleceu, às 19 horas do dia 24 de abril de 1949.

Publicou: "Primícias" — versos — Paraíba — 1912; "Emoções" — versos — Paraíba — 1931;

Deixou inédito, "Aprisco de Sonhos", ainda versos.

O RIO

No jaspeo seio da branca areia,
Como que escorre prata argentina,
O rio, espelho da lua cheia,
Desfere notas de harpa em surdina.

A rio manso reflete a lua
No polimento da prata d'água
E a lua cheia, n'água flutua,
Enchendo o rio de doce magua.

Rio sereno — reino de lendas,
Que corre manso na santa paz,
De quando em quando tomando rendas
Na sombra verde dos bambuões.

E vai cantando dias a fio,
Nomes e noites, vidas inteiras,
Ternas cantigas de um sol de esio,
Canções dolentes de lavadeiras.

Até que estanca pelas reprêas,
Adormecido sem mais cantar,
Todo enfeitado de baronêsas,
Qual seja um leito que vai noivar.

PAISAGEM EVOCATIVA

Por acaso revê o sítio antigo,
Onde passei a infância descuidada;
Da velha casa, venturoso abrigo,
Restam, apenas ruínas e mais nada!...

A sala de jantar desmoronada,
O quarto de meu pai — meu grande amigo;
No recanto do oitão, o pé de figo
Curvado sobre o leito da calçada

Serpeam pelas hastes parasitas,
Sugando as derradeiras energias
Das mangueiras serenas e contritas...

Num tronco, o nome que não se desfaz,
Recordando a passagem de mãos plas,
Numa fura de umôr que ela me fez.

PAREDES VETUSTAS

Parêdes nuas, ermas e lodosas,
Indícios de mirífica vivenda,
Canteiros de melão suprimindo rosas,
Sem mais um grato aroma que transe eoda.

La vos de tintas finas, decorosas,
Reclamam tons de aprimorada renda,
Discriminando salas espaçosas,
Recolhimento tétrico de lenda.

Venerandas parêdes solitarias,
Ungidos de orações antepassadas,
Cenário antigo de comédias várias,

Tens a nobre virude que consiste
Em guardar as fraquezas confessadas,
E a ninguém confessares o que viste.

SAUDADE

Saudade! Olhar incerto pela estrada
Buscando irresoluto o que procura;
O desejo de vê-la sem ver nada,
Para mais aumentar essa tortura.

Uma vez, uma flôr que me foi dada:
Mãos esquivas temendo uma censura;
Saudade! Idílio da mulher amada,
No testamento da primeira jura.

A canção ressumbrada de desgosto
Filha, talvez, da máguia reprimida
Paiando á sombra aflita de um sol posto!...

Saudade! Ave-Maria ao som de um sino
Minha mãe numa prece embevecida,
Embalando o meu berço de menino!...

RETRATO

Por insistência, meu retrato envio,
Que, até, por certo, incitará surpresa,
Expressão de quem mais não é sadio
E enluta uma existência de tristeza.

Desalentou-se a lepidia viveza,
Desfez-se o riso meu... hoje não rio,
Vagueio pelos cismos, erradio,
Buscando sonhos pela Natureza.

Nossa ateição partiu da mocidade,
Por isso, te ofereço o meu retrato,
Prolongando inda mais, nossa amizade.

Na tua sala, em posição discreta,
Embora, deslustrando o lindo ornato,
Deixa entre os teus, ficar também o poeta.